**Nome:** Lucas Salviano

**Pregação & Pregadores – D. Martyn Lloyd-Jones**

**(Resumo – Lucas Salviano)**

*“Eloqüência é a arte de avolumar as pequenas coisas e diminuir as grandes.”* (Isócrates)

Ah o homem moderno! Quão semelhante é aos sofistas dos dias de Sócrates. Homens (especialmente os pregadores) dotados por uma péssima habilidade, a saber, colocar-se como maiores que a verdade do discurso. Descrentes quanto ao poder da Palavra a diminuem, e crentes em si mesmos avolumam-se exageradamente.

Louvado seja Deus por nos prover homens como doutor Lloyd-Jones, homens que com sobriedade esforçam-se em reestabelecer a primazia das Escrituras quando lembra que o pregador está sujeita a ela, e não o contrário.

Essa é a grande proposta do livro “Pregação & Pregadores”, apontar o que de fato é grande e a quem está reservado total sujeição. Doutro Martyn com maestria nos clarifica que somente há pregação e pregador quando ambos estiverem sujeitos a algo maior que eles, isto é, a verdade Escriturística.

Dividido em dezesseis capítulos, o livro trará em seus primeiros nove capítulos sobre o que é uma autêntica pregação e como se porta um genuíno pregador. Os sete últimos capítulos versam sobre aspectos técnicos e práticos para a elaboração de um sermão.

Uma vez que nos encontramos diante de uma baixeza espiritual, o autor nos afirmará que ela se dá pela pequenez do púlpito e isso nos fica evidente com o plano de fundo que ele nos fornece já no primeiro capítulo.

“[...] quando argumento sobre esse ponto, na Grã-Bretanha, geralmente eu chamo de ‘baldwinismo’. Para aqueles que não conhecem o termo, quero esclarecer o que pretendo dizer. Nas décadas de 1920 e 1930, houve na Inglaterra um primeiro-ministro cujo nome era Stanley Baldwin. Esse homem, tão insignificante que seu nome nada representa em nossos dias, exerceu considerável efeito sobre a maneira de pensar a respeito do valor do discurso e da oratória na vida do povo. Ele assumiu o poder e o cargo após [...] Lloyd George, Winston Churchill, Lord Birkenhead e outros do mesmo caráter.  Ora, esses homens eram oradores que sabiam realmente falar. Stanley Baldwin não tinha esse dom; por esse motivo percebeu que, se tivesse de ser bem-sucedido, era essencial que diminuísse o valor e a importância do discurso e da oratória.” (p. 16 -17)

O autor com isso está nos afirmando que esse mesmo processo foi visto ocorrer nos púlpitos. Pequenos homens quando comparados com os grandes do passado, inevitavelmente terão as suas mediocridades evidenciadas. Diante dessa situação o pequeno empobreceu o discurso, empobreceu a mensagem e por consequência os seus ouvintes.

Esse é o retrato da igreja moderna, pobres ouvintes que encontram-se nessa condição por conta de medíocres pregadores.

Avançando para o segundo capítulo temos que o púlpito deve ser preenchido pela Palavra. Nada deve ter maior destaque ou encontra-se em pé de igualdade com a mensagem bíblica.

A salvação chega aos homens por meio da pregação da verdade. Esse é o principal tema da pregação, toda a verdade de Deus, qualquer outra mensagem pode ser considerada como um paliativo, isto é, alivia mas não cura. Assim afirma Lloyd-Jones.

No capítulo seguinte então doutor Martyn vai nos elucidar que uma pregação que aponta a cura, é aquela que deriva de um sermão bíblico. Sem constrangimento uma vez mais será afirmado a primazia da mensagem bíblica e assim será em todo livro.

O grande destaque no capítulo quatro será a defesa de que o pregador é uma testemunha da verdade e não um advogado. Deixe-me explicar. Doutor Lloyd-Jones passa boa parte desse capítulo nos fazendo refletir sobre a nossa relação com a mensagem. Diz o autor que devemos pregar a Palavra e não sobre a Palavra, e se valendo de uma ilustração, didaticamente nos alerta que podemos estar como advogados ou como testemunha, o primeiro versa sobre algo sem a necessidade de tê-lo vivido, já o segundo por ter vivido fala sobre o que experimentou.

Ainda falando sobre a forma, o autor uma vez mais destacará a preeminência bíblica quando afirma que iniciamos com o texto e terminamos com o texto, e quanto ao meio? Nos valemos do texto. Demonstramos que aquilo que estamos falando e defendendo é bíblico quando usamos a Bíblia como argumento.

No quinto capítulo nos lembra Jones que quando pregamos a Palavra e a ela nos submetemos, estamos ali sendo arautos de Deus. Devemos nos sentir seguros com essa autoridade que Deus nos confere, não para o nosso deleite, mas seguros de que podemos descrever a imundícia dos homens e a sua nudez. Quão necessário é essa coragem.

Agora, no capítulo seis, Lloyd-Jones trata da singularidade do pregador. Não se pode crer e defender a pregação dos leigos. Penso que sem ser injusto, o escritor irá defender que esse estímulo deriva de um abandono dos ensinos reformados para uma total adesão aos conceitos armenianos.

Sem negar que há exceções, doutor Martyn defende aquilo que está nas Escrituras, a saber, Deus separou alguns para mestres e a esses está reservado a missão de pregar.

O sétimo capítulo é o único em que a ênfase não estará no pregador ou na pregação, mas sim aos ouvintes. Alguns aspectos como a importância de um ambiente sem distrações e que proporcione uma boa reverberação da voz serão tratados aqui.

Seguindo temos o caráter da mensagem e o preparo do pregador, respectivamente capítulos oito e nove. Nesses capítulos será mostrando quão solene é o conteúdo da mensagem e quão grande é o Deus que a emitiu, assim sendo, quão revestidos de temor e santidade deve estar aquele que pretende anuncia-la.

Dos capítulos dez ao dezesseis tratar-se-á de aspectos mais técnicos e práticos.

Quão edificados somos com a leitura de “Pregação & Pregadores”. No início de nossos estudos o professor mencionou a influência de tal livro sobre ele, tenho que admitir que esse não será um livro lido uma única vez.

Sabe-se que Martyn Lloyd-Jones foi um dos maiores pregadores do século XX e nesse livro nos é dado à saber o por que. Ele foi um homem que soube que o oficio da pregação não é para o estabelecimento do nome de quem prega, mas é para o louvor de um Santo Deus. A necessidade não está no Senhor, mas sim nas suas criaturas.

Esse saudoso santo sabia que a importância da mensagem era vital, homens perdem eternamente suas almas quando a negam. Tal consciência nos faz compreender o senso de urgência que subjaz ao anúncio dessa verdade.

Que Deus nos faça cientes disso!